

Sexualidades outras no ensino de língua portuguesa: uma pesquisa-ação em uma turma da educação de jovens e adultos

Other sexualities in portuguese language teaching: a action research study in an adult and youth education class

Lucas Santos de Assis¹, Natália Luczkiewicz da Silva², Aleph Danillo da Silva Feitosa³, Mozart Luiz Tavares da Silva Gomes⁴, Flávia Colen Meniconi⁵

Como citar esse artigo. ASSIS, L. C. SILVA, N. L. FEITOSA, A. D. S. GOMES, M. L. T. S. MENICONI, F. C. Sexualidades outras no ensino de língua portuguesa: uma pesquisa-ação em uma turma da educação de jovens e adultos. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 3, p. 241-251, set./dez. 2025.



Resumo

As práticas sexuais que se distanciam da matriz cisheterossexual são frequentemente patologizadas, criminalizadas, demonizadas e marginalizadas. Nesse contexto, estabelece-se a colonialidade de gênero, um mecanismo de controle das expressões e práticas sexuais. Dado o exposto, a pesquisa em tela teve como objetivo investigar como as questões de gênero e de sexualidade são compreendidas pelos estudantes de uma turma da Educação de Jovens e Adultos, em uma escola pública. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo, do tipo pesquisa-ação. O corpus da pesquisa se constituiu a partir de um questionário semiestruturado e de diários reflexivos escritos pelos colaboradores da pesquisa. Os resultados indicam que a inclusão de temas relacionados às sexualidades nas aulas estimulou os alunos a refletirem sobre a estigmatização e marginalização social imposta a certas vidas humanas, além de explorar os fatores que perpetuam preconceitos contra corpos dissidentes da cisheteronormatividade.

Palavras-chave: Colonialidade de Gênero; Educação de Jovens e Adultos; Sexualidades Outras.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

Sexual practices that deviate from the cisheterosexual matrix are often pathologized, criminalized, demonized, and marginalized. In this context, the coloniality of gender is established, a mechanism for controlling sexual expressions and practices. Given this, the present study investigate how issues of gender and sexuality are understood by students in an Adult and Youth Education at a public school. Methodologically, this is a qualitative study of the action-research type. The research corpus was composed of a semi-structured questionnaire and reflective journals written by the study's participants. The results indicate that including topics related to sexualities in the classroom encouraged students to reflect on the stigmatization and social marginalization imposed on certain human lives, as well as to explore the factors that perpetuate prejudices against bodies that deviate from the cisheteronormative.

Keywords: Gender Coloniality; Youth and Adult Education; Other Sexualities.

Afiliação dos autores: ¹Trabalho aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, sob o parecer de número: 6.300.705.

²Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGL/UFAL) e pesquisador voluntário do grupo de pesquisa Letramentos, Educação e Transculturalidade (LET). ³Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGL/UFAL) e pesquisadora voluntária do grupo de pesquisa Letramentos, Educação e Transculturalidade (LET). ⁴Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGL/UFAL) e pesquisador voluntário do grupo de pesquisa Letramentos, Educação e Transculturalidade (LET). ⁵Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGL/UFAL) e pesquisador voluntário do grupo de pesquisa Letramentos, Educação e Transculturalidade (LET).

⁶Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas, do Curso de Letras/Espanhol (FALE/UFAL) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGL/FALE/UFAL). É membro dos grupos de pesquisa: 1- Letramento, Educação e Transculturalidade (LET); 2- Grupo de estudo do texto e da Leitura (GETEL).

E-mail de correspondência: lucas.assis@fale.ufal.br

Recebido em: 04/02/2025. Aceito em: 25/09/2025.

Introdução

No Brasil, um país historicamente marcado pela colonialidade, questões de gêneros e de sexualidades são moldadas por normas da matriz cisheteronormativa, impondo um sistema binário que marginaliza expressões que fogem desse sistema. Segundo Lugones (2014; 2020), a colonialidade de gênero corresponde às regulações sobre os corpos e as práticas sexuais, reforçando a hegemonia das relações cisheterossexuais. Nesse sentido, a escola, enquanto instituição social, torna-se um espaço estratégico para a problematização dessas normas e para a construção de uma educação libertadora, crítica e decolonial (Mignolo; Veiga, 2021; Freire, 2022).

Dado o exposto, por meio da Linguística Aplicada INdisciplinar (Moita Lopes, 2006; 2022) e transviada (Bezerra, 2023), encontramos brechas para desafiar as estruturas normativas presentes na sociedade, promovendo debates que desestabilizam as noções tradicionais de gêneros e de sexualidades. Nesse panorama, entendemos que as aulas acerca da linguagem, numa perspectiva dialógica, podem se configurar como um espaço significativo para essas discussões, visto que a língua desempenha um papel central na construção de identidades sociais (Borges; Melo, 2019).

Ao defender uma educação dialógica, compromissada com a libertação das amarras opressoras (Freire, 2022), apostamos em debates que desafiam as estruturas coloniais de dominação dos corpos e das subjetividades humanas. Para tanto, acreditamos ser necessário promover práticas pedagógicas que integram essas discussões, possibilitando aos estudantes espaços de problematizações sobre as construções identitárias e estereótipos preconceituosos. Em nossas concepções, espaços pautados na atitude crítico-reflexiva podem contribuir para o repensar acerca de como determinadas construções sociais acabam por legitimar e/ou marginalizar determinados grupos sociais.

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo investigar como as questões de gêneros e de sexualidades são percebidas pelos alunos de uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola do agreste alagoano. Em relação ao tipo de pesquisa, trata-se de uma pesquisa-ação de natureza qualitativa, na qual os estudantes foram instigados a refletirem sobre os estigmas sociais associados às sexualidades divergentes da matriz cisheterossexual. É importante ressaltar que os temas relacionados às discussões acerca das sexualidades nunca se fizeram presentes nos programas de ensino de língua portuguesa do contexto investigado, o que marca o grande potencial transformador e inovador da pesquisa-ação desenvolvida e apresentada neste artigo.

O presente trabalho está organizado em outras três seções principais, além desta introdução e da conclusão. Na seção a seguir, intitulada *Gêneros e sexualidades: uma abordagem à luz da Linguística Aplicada*, discorremos sobre os estudos de gêneros e de sexualidades a partir das teorias da Linguística Aplicada e das correntes decoloniais. Na seção, *O caminho percorrido*, apresentamos a metodologia traçada para o desenvolvimento da pesquisa; por fim, em *Sexualidades* outras na sala de aula, adentramos à análise e à discussão dos dados gerados.

Genêros e sexualidades: uma abordagem à luz da linguística aplicada

A sala de aula é caracterizada como um espaço em que múltiplas subjetividades se fazem presentes e, por meio das interações sociais estabelecidas nesse espaço, há a manifestação de marcas ideológicas atravessadas por questões culturais, religiosas e políticas. Nesse ínterim, é comum que questões de gênero e sexualidade adentrem ao contexto da sala de aula.

Nos últimos anos, linguistas aplicados têm direcionado olhares críticos acerca das manifestações de gêneros e sexualidades em sala de aula, a exemplo de Moita Lopes (2022), Melo (2013) e Bezerra (2023), com o intuito de compreenderem como a linguagem ocupa um papel central na construção dos corpos humanos e dos seus comportamentos.

Para Butler (2022), o gênero é performativo, ou seja, é estruturado pelos comportamentos que o

corpo humano exerce na sociedade. As vestimentas, o estilo corporal, o modo de andar e de falar são fatores que direcionam e concretizam o gênero. Sendo assim, por meio da repetição/reprodução estilizada desses atos, há a concretização de uma estrutura altamente rígida (Butler, 2022) que regula os corpos, classificando-os por meio da concepção binária homem X mulher, que passa a constituir “a ilusão de um ‘eu’ generificado permanente” (Butler, 1988, p. 78, grifos da autora).

Ao se basear na teoria dos atos de fala, de John Austin, Butler traz à baila o poder que a língua possui em relação à classificação dos seres humanos, haja vista que é por meio dos nossos atos linguageiros que concretizamos as identidades humanas ao nomeá-las. Ao dizermos que nasceu uma menina, não estamos apenas descrevendo o ato do nascimento de uma pessoa, mas concretizando a identidade desse ser humano, categorizando-o como menina e regulando os comportamentos sociais que devem ser seguidos. Nas palavras de Butler (1988, p. 87),

Não obstante, por mais que esses atos reguladores sejam repetidos de forma estilizada (por meio da linguagem e/ou dos nossos comportamentos perante a sociedade), há a possibilidade de entrarem em colapso ao serem reproduzidos em desacordo com as normas estabelecidas.

Se o fundamento da identidade de gênero é a repetição estilizada de atos no tempo, e não uma identidade aparentemente homogênea, existem possibilidades de transformar o gênero na relação arbitrária entre esses atos, nas várias formas possíveis de repetição e na ruptura ou repetição subversiva desse estilo.

Com base nesse entendimento, as regulações socialmente estabelecidas entram em desacordo, transgredindo com a estrutura binária dos gêneros. Entrementes, para que possamos realizar um estudo que reflita sobre o gênero e a sexualidade nas salas de aula de Língua Portuguesa, adotamos, como base teórica, a Linguística Aplicada INdisciplinar (Moita Lopes, 2006) e transviada (Bezerra, 2023).

Essas perspectivas teóricas partem do pressuposto de que as pesquisas que envolvem os contextos de sala de aula são plurais, buscando uma relação estreita entre o pesquisador e a pesquisa. Nesse sentido, a Linguística Aplicada, doravante LA vai de encontro com outros campos de estudo que seguem métodos rígidos, pautados na visão de ciência positivista. Portanto, a proposta apresentada por Moita Lopes (2006) caminha em direção à uma LA que extrapola os limites disciplinares, apresentando-se aberta ao diálogo com outras áreas do conhecimento.

Adotamos essa abordagem em um trabalho que enfatiza corpos desviantes, pois compreendemos a necessidade de trazer essa discussão de urgência social no contexto de ensino-aprendizagem de línguas. Ademais, destacamos que a decolonialidade enquanto uma abordagem epistemológica e ontológica abre espaços para a ressignificação de narrativas impostas pela colonialidade, sobretudo, a de gênero.

A decolonialidade, no campo dos estudos da Linguística Aplicada, promove uma reflexão crítica sobre a forma como o colonialismo moldou saberes, identidades e práticas discursivas, especialmente no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade. A colonialidade de gênero, termo cunhado por Lugones (2014; 2020), denuncia as interseções entre as estruturas coloniais de poder e as construções patriarcais e binárias de gênero, as quais impõem a normatividade cisheterossexual como padrão universal.

Nesse contexto, o termo sexualidades *outras* emerge como um conceito central ao abordar aquelas sexualidades que fogem à matriz cisheterossexual. Estas sexualidades desviantes, como as vivências queer, trans e não-binárias, são marginalizadas e invisibilizadas dentro da lógica colonial, que reforça normas de gênero rígidas e heteronormativas.

O caminho percorrido

Nesta seção, apresentamos a natureza da pesquisa e o contexto no qual a investigação foi desenvolvida, os instrumentos de geração de dados utilizados, bem como o método de análise de dados escolhido pelos pesquisadores.

Inicialmente, é oportuno frisar que o referido estudo é fruto de um recorte de pesquisa a nível de mestrado, intitulada: “Sexualidade Outras na Educação de Jovens e Adultos: o estímulo da criticidade como enfrentamento à colonialidade de gênero em aulas de Língua Portuguesa” (Assis, 2024). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, com o parecer de número 69964423.0.0000.5013.

Posto isso, o trabalho em tela adota uma abordagem qualitativa, tendo em vista nosso propósito inicial, isto é, perceber como as questões de gênero e sexualidade são tratadas pelos alunos de uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No estudo qualitativo, “o pesquisador é introduzido nas experiências dos participantes e constrói o conhecimento, sempre consciente de que é parte do fenômeno estudado” (Sampieri; Collado; Lucio, 2013, p. 35), o que permitiu, a nós pesquisadores, a possibilidade de adentrarmos “no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não compatível em equações médias e estatísticas” (Minayo, 1994, p. 22).

No que tange ao tipo de pesquisa, optamos pela pesquisa-ação (Thiollent, 1986), a qual apresenta um caráter interventivo e uma coprodução de saberes, podendo ser utilizada no contexto educacional com vistas a transformar e/ou tentar compreender aspectos e problemáticas relacionadas à realidade. No caso da nossa pesquisa, conforme mencionado, procuramos criar espaços de discussões acerca da temática sobre a sexualidade, nas aulas de língua portuguesa. O caráter transformador do estudo desenvolvido reside na inauguração de um *locus* crítico-reflexivo acerca da constituição dos corpos e dos gêneros silenciada nos programas de ensino de português da instituição participante.

O *corpus* da pesquisa conta com as respostas de sete estudantes a um questionário semiestruturado, o qual possuía três perguntas discursivas; e trechos dos diários reflexivos escritos por quatro dos sete alunos colaboradores da pesquisa.

No que diz respeito ao *locus* investigado, este corresponde a uma escola situada no agreste do estado de Alagoas, vinculada à rede estadual de educação. A pesquisa foi desenvolvida em uma turma do 4º período da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que contava com 12 alunos.

Para o presente estudo, optamos por voltar nosso olhar analítico às produções de sete educandos. Como critério para a escolha, destacamos a participação nas aulas e ordem da entrega dos questionários e dos diários reflexivos. Cabe mencionar que todos os alunos colaboradores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A seguir, apresentamos a descrição das aulas, a fim de proporcionar uma melhor contextualização das atividades desenvolvidas que foram escolhidas para as análises aqui apresentadas.

• Aula temática 01 – Início das atividades: estabelecendo um diálogo com os participantes (13 de outubro de 2023)

A primeira aula correspondeu ao contato inicial dos pesquisadores com a turma participante. Na ocasião, discutimos a temática da pesquisa e o propósito. Em seguida, os alunos foram questionados se sentiam algum desconforto sobre comentar acerca das sexualidades, e não apresentaram respostas negativas.

Posteriormente, os participantes da pesquisa foram informados acerca de como aconteceriam as aulas e quais seriam os instrumentos de geração de dados utilizados na pesquisa, assim como quais os

gêneros textuais seriam trabalhados: artigo de opinião, campanhas e diários reflexivos.

• Aula temática 02 – O que entendo por sexualidade? (13 de outubro de 2023)

Na segunda aula, que ocorreu na mesma data que a primeira, os pesquisadores entregaram os questionários para que fossem respondidos. As perguntas foram lidas coletivamente, em voz alta. Em seguida, cada estudante realizou a leitura silenciosa e respondeu às questões solicitadas. Nesta aula, os pesquisadores criaram um grupo no WhatsApp com a turma, para que fossem realizadas discussões além do espaço da sala de aula. Ao final, solicitamos que os estudantes produzissem diários reflexivos sobre as temáticas discutidas, os quais, como mencionado, compõem o nosso *corpus* de análise.

Sexualidades outras na sala de aula

Como material de análise, selecionamos as respostas que os alunos apresentaram a três questões que discorriam acerca da sexualidade. As questões foram as seguintes: I - Para você, o que é sexo e sexualidade? II - Como você entende a questão da homossexualidade na atualidade? III - Como você compreende a relação entre duas pessoas do mesmo sexo? e IV - Como você vê as sexualidades no Brasil atual? Com o intuito de preservar os dados, mantemos as respostas da forma em que foram elaboradas, sem correções ortográficas e/ou gramaticais. Salientamos que os nomes apresentados são fictícios, escolhidos pelos próprios discentes.

Quadro 1. Respostas das questões.

Aluno(a)	Resposta da questão I	Resposta da questão II	Resposta da questão III
Barbara	Para mim, é uma atração que sentimos por outra pessoa, que nos leva ao sexo.	Eu vejo uma coisa normal.	Eu vejo muita discriminação. Muita violência contra as pessoas. Mas, para mim, todos nós somos iguais, não importa a sexualidade.
Pedrinho	Para mim, hoje em dia, é normal mulher com homem, mulher com mulher, homem com homem.	Eu acho normal, não tenho preconceito, até porque eu tenho um irmão que ele é gay, então eu vejo isso de boa.	Bom, tem muito preconceito por conta que mulher fica com mulher, homem com homem.
Maria	Sexualidade se refere a opção sexual que uma pessoa pode escolher durante sua vida e é uma busca de prazer sexual.	Normal, porque cada um sabe o que quer e não cabe a nós se meter na relação deles.	É vista com uma alta de preconceito por alguns setores mais conservadores na sociedade do Brasil.
Carlinha	Sexo é uma coisa normal, sempre tem o momento em que vai chegar a hora de dois seres humanos cometerem o ato da sexualidade entre ambos.	Normal, para mim todos tem o direito de viver do seu jeito e fazer o que gosta.	Hoje em dia tem muito preconceito, agressão e casos até de morte.
Élia	É quando duas pessoas têm relação.	Eu não tenho nada contra, mais Deus deixou o homem para a mulher para que formassem uma família.	(Não respondeu).

Aluno(a)	Resposta da questão I	Resposta da questão II	Resposta da questão III
Isis	Sexo para mim é ter relações com seu parceiro, ou seja, é ter uma prática sexual.	Eu super respeito. Isto é sobre entender que cada um tem direito de escolha, independente de serem do mesmo sexo ou não, cada um deve buscar o que acha melhor.	No Brasil existe muito preconceito sobre pessoas do mesmo sexo se relacionarem, é um absurdo que nos dias de hoje ainda existem pessoas que além de não aceitarem, chegam a ter preconceito e até mesmo agredir ou difamar.
Luciano	Sexo para mim é uma conjugação de um casal juntos, praticando amor.	Hoje em dia é uma coisa normal.	Hoje em dia está muito complicado porque está muito descontrolado esse caso de sexualidade.

Fonte. Dados gerados pela pesquisa, 2023..

Em relação às respostas da primeira questão (Para você, o que é sexo e sexualidade?), depreendemos as seguintes análises e discussões:

As respostas de Barbara, Élia, Isis, Carlinha e Luciano mostram que há uma associação do termo sexo ao ato sexual entre duas pessoas, mais especificamente, entre um casal. Entretanto, em suas respostas, não fica claro que casal seria esse, podendo ser um casal homoafetivo, heterossexual ou pansexual. É possível perceber que os alunos não relacionam a questão do sexo como algo ontológico, com fatores corporais que classificam as pessoas por meio do senso binário macho e fêmea, predominante nos discursos de diversas esferas sociais. Assim, não identificamos uma regulação binária que “suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica” (Butler, 2022, p. 47).

Barbara explica que a sexualidade se configura como uma “atração”, resultando no sexo. No entanto, ela não deixa claro que atração seria essa, se algo físico, em que o sujeito se sente atraído pela corporeidade da pessoa; ou afetiva, considerando questões de carinho e respeito demonstrados entre os sujeitos envolvidos. Dessa forma, compreendemos que não basta sentirmos atração física por alguém se não houver o consentimento dos envolvidos. Segundo Martins (2021), a sexualidade das pessoas pode ser conceituada como a junção entre a atração afetiva e física, em suas palavras:

se a pessoa sente atração afetiva e sexual por pessoas do sexo ou gênero oposto, ela é denominada heterossexual ou heteroafetiva. Se à atração afetiva e sexual é por aqueles do mesmo sexo ou gênero, sua orientação é homossexual ou homoafetiva, se à atração afetiva e sexual for pelos dois sexos ou gêneros, homem e mulher, a pessoa é denominada de bissexual ou biafetiva, há também aqueles que não sentem atração afetiva e sexual por nenhum sexo ou gênero, que são os assexuais (Martins, 2021, p. 940).

Em suas considerações, Élia remonta a relação entre duas pessoas. Sua resposta possui um caráter restritivo, excluindo aqueles casais e/ou sujeitos que se relacionam com mais de um parceiro. Nessa perspectiva, a aluna possui uma visão baseada na matriz cisheterossexual, tomando o casal formado por duas pessoas como pilar essencial das relações sexuais. Já Carlinha, chama a atenção para os direitos de as pessoas poderem amar quem quiser e como quiser, demonstrando um senso de existência de outros casais que vão além do modelo hegemonizado do casal cisheterossexual.

O aluno Pedrinho destacou: “Para mim, hoje em dia, é normal mulher com homem, mulher com mulher, homem com homem”. Mesmo que contrarie o questionamento apresentado, o estudante

reconhece formas outras de relações sexuais, isto é, aquelas divergentes da matriz cisheterossexual. Ao fazer uso da locução adverbial “hoje em dia”, Pedrinho parece não reconhecer que as relações divergentes da matriz cisheterossexual estão presentes na sociedade desde tempos remotos, conforme verificamos em estudos realizados por Trevisan (2018) e Lugones (2020).

Ademais, o fato de Pedrinho utilizar o adjetivo “normal” para se referir às relações mantidas entre homens e mulheres demonstra uma construção binária baseada em um senso de normalidade x anormalidade. Nesse sentido, esta conceitualização simboliza a classificação social estabelecida pela matriz cisheterossexual, patriarcal e colonial que constrói “efeitos de sexualidade, ao definir o sexo heterossexual como única modalidade possível de uso dos corpos nas práticas sexuais” (Assis; Silva, 2024, p. 6).

Na segunda indagação (Como você compreende a relação entre duas pessoas do mesmo sexo?), as repostas apontam o seguinte:

Élia aponta para uma padronização baseada em vieses teológicos, afirmando que não tem nada contra os casais formados por pessoas do mesmo sexo, mas menciona a entidade religiosa maior do Cristianismo (Deus) para qualificar a junção entre um homem e uma mulher como a divinamente legitimada para a formação do ceio familiar. Segundo a aluna, “Deus deixou o homem para a mulher para que formassem uma família” (Élia, 2023). A concepção de Élia está imbricada à colonialidade do ser, “entendida como os efeitos do colonialismo no nosso modo de vida mais íntimo, nas relações de gênero e sexualidade, nas visões de si e dos outros, ditando papéis que homens e mulheres devem tomar, produzindo padrões a serem seguidos” (Bezerra, S., 2019, p. 904).

Barbara, Pedrinho, Maria, Carlinha e Luciano fazem o uso do adjetivo normal para discorrerem sobre a relação entre duas pessoas do mesmo sexo, como Pedrinho fez em sua resposta à indagação anterior. Todavia, o que podemos compreender como normal? O normal em que se aceita as relações entre pessoas do mesmo sexo apenas por um senso de respeito ao próximo? Ou, de fato, há um reconhecimento da homoafetividade como uma forma de relacionamento humano?

Esse aspecto traz à tona duas questões importantes: o respeito e a aceitação. No entanto, de acordo com Silva (2014), esses dois aspectos podem ser percebidos como a existência de um posicionamento social de tolerância e de respeito à diversidade social. Essa perspectiva de um eu que tolera a existência do outro não se sustenta em sua plenitude, pois, na medida em que eu me reconheço como um sujeito tolerante, passo a reconhecer a identidade do outro inferior à minha. Dessa forma, não basta tolerar e considerar o outro como normal, por outro lado, é preciso entender que

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas (Silva, 2014, p. 81).

Conforme verificamos no excerto acima, as identidades são impostas e normatizadas por assimetrias de poder presentes na sociedade. Ocorre uma classificação social dos povos em decorrência de uma diferenciação impositiva entre eles, em que uns são considerados inferiores e outros superiores, a exemplo dos povos originários da América e da África. Nessa direção, precisamos reconhecer como os processos de categorização social operam ao influenciar e ditar quais identidades são legitimadas e hegemônicas.

Ao fazer uma análise mais profunda acerca da escolha linguística do termo *normal*, ainda que seja questionada do ponto de vista da tolerância como algo negativo, compreendemos que, de uma forma ou de outra, as aulas contribuíram no sentido de levar os alunos a refletirem sobre as questões das sexualidades e do respeito.

A fala de Pedrinho transparece a conceitualização das relações homoafetivas como normal e revela a sua relação com o irmão gay como “uma coisa de boa”. Nesse panorama, acreditamos que os alunos

aguçaram seus sentidos e reconheceram a variedade de subjetividades presentes na sociedade, seja por meio do senso de não aceitação das subjetividades divergentes da matriz cisheterossexual ou através do reconhecimento dessas vidas. Como nossa sociedade é marcada por mudanças, construir-se e situar-se socialmente demanda um exercício individual e social, uma vez que a nossa natureza é “fragmentada, heterogênea, contraditória e fluída” (Moita Lopes, 2006).

Isis demonstra que devemos ter empatia com esse considerado o outro, um senso de solidariedade por aquele que sofre e é atacado por sua identidade sexual. E, ao dar ênfase à liberdade de cada pessoa em buscar o melhor para si, depreendo que essa liberdade é marcada pelas lutas entre grupos sociais em firmarem suas identidades e buscarem acesso aos direitos civis, como ocorre com as lutas da comunidade LGBTQIA+. Isis, ao dizer que o sujeito tem o “direito de escolha” sobre sua sexualidade, não reconhece que a sexualidade é um fator subjetivo desenvolvido ao longo do amadurecimento do indivíduo, mas tem a convicção que é uma opção de etilo de vida (Oliveira-Júnior; Maio, 2016) que pode ser alterada a qualquer momento.

Já nas respostas da terceira questão (Como você vê a questão das sexualidades no Brasil atual?), nossas análises e discussões ponderaram os seguintes aspectos:

Barbara, Pedrinho, Maria, Isis e Carlinha destacam o forte preconceito contra sexualidades divergentes da matriz cisheteronormativa que, em muitos casos, resulta em morte. Ao discorrerem sobre a não aceitação dessas pessoas e alguns tipos de violências praticadas contra elas, como o preconceito e a agressão física, demonstraram alguns dos desafios enfrentados por esse grupo. Já Luciano cita que caso da sexualidade está descontrolado, mas, ele não argumenta como seria esse descontrole.

Barbara, ao afirmar que “todos nós somos iguais”, compartilha daquele falso senso discutido por Silva (2014), como visto anteriormente, sobre respeito e tolerância às diversidades presentes na sociedade, haja vista que essas diferenças constituem as nossas identidades. Em nossa interpretação, a aluna pode estar aludindo a um momento de conscientização de que todas as pessoas deveriam compartilhar de direitos igualitários mediados pela equidade. Ao se reconhecer como uma pessoa de sexualidade desviante, verifica-se um atravessamento identitário capaz de o realocar a uma posição de inferiorização e marginalização por não performar (Butler, 2022) os papéis sociais esperados para a identidade de gênero.

Mediante as respostas dos discentes, é perceptível que eles possuem consciência sobre a diversidade de sexualidades. Contudo, tomam como base a binaridade de gênero para discorrerem sobre o estabelecimento da cisheterossexualidade como a única relação legitimada na sociedade.

Desse modo, verificamos como a colonialidade permeia as nossas práticas sociais, ditando comportamentos, formas de pensar e de agir, regulando o sistema binário de gênero alicerçado em fatores ontológicos e biológicos para classificar os corpos em femininos ou masculinos.

Nessa direção, a concepção binária e seus atributos sociais se configuram como

uma categoria social construída por meio de representações sociais e culturais, saberes, significações, poderes e tecnologias hegemônicas – políticas, científicas, jurídico-legais, educacionais, biomédicas, atuando como dispositivos da (de)colonialidade do poder, do saber, do ser (Vieira, 2019, p. 94).

Após a discussão sobre os questionários, quatro dos sete alunos relataram em seus diários reflexivos as impressões sobre essas duas aulas iniciais. A seguir, apresentamos alguns trechos.

Quadro 2. Trechos dos diários reflexivos.

Aluno(a)	Trechos dos diários reflexivos.
----------	---------------------------------

Barbara	[...] homossexual não é doença, cada um vive como quer, e sempre bom, termos esse assunto em sala [...].
Pedrinho	É um assunto interessante, muito bom para trabalhar em sala de aula, eu aprendo muito sobre sexualidade [...].
Maria	Nos dias de hoje, não tem como não falar em sexualidade, estamos gostando muito das aulas sobre sexualidade.
Carlinha	[...] foi uma aula importante para mim porque em todo tempo que passei em escola nunca discutíamos sobre esse assunto que muitas vezes é excluído na sociedade.

Fonte. Dados gerados pela pesquisa, 2023.

Os relatos demonstram o interesse despertado na turma acerca de conhecer o assunto, salientando a importância dessas discussões nas aulas de Língua Portuguesa, especialmente quando Pedrinho diz: “aprendi muito sobre sexualidade”. Desse modo, a fala do aluno evidenciou como as aulas temáticas contemplaram a questão de um ensino de Língua Portuguesa contextualizado com a realidade, uma vez que a sexualidade é um tema universal.

O ensino contextualizado, crítico e reflexivo tem por objetivo ultrapassar os muros da escola, apresentando situações sociais diversas. Perceber que a fome, a miséria, a LGBTQIA+fobia, o machismo, o racismo etc. existem e persistem; que vidas são aniquiladas, impedidas de existir em decorrência de uma matriz caucasiana, que tem como regra o aniquilamento daquele considerado como o outro (Kilomba, 2019). Nessa perspectiva,

O papel da escola [...] é garantir que o aluno seja alfabetizado e ao mesmo tempo letrado, desenvolvendo conhecimentos necessários, para que, ao final desse percurso, esteja preparado para exercer sua autonomia e colaborar para um mundo mais consciente e desconstruído de estereótipos (Silva; Meniconi, 2023, p. 244).

Por meio de caminhos didático-pedagógicos que põem em pauta e denunciam as desigualdades e as injustiças sociais, preparamos o alunado para exercer sua cidadania de forma reflexiva e crítica, tendo em vista os seus direitos. Isso vai além do acesso a uma saúde e a uma educação de qualidade, implicando no direito de existir e de ser ouvido.

Segundo Maria, não temos como fugir das discussões que abarcam sexualidades, uma das questões humanas que mais sofre com as amarras da colonialidade, que dita e controla os comportamentos sexuais até os dias de hoje. Nesse contexto, os meios de ensino e aprendizagem sustentados pelos pilares da reflexão e da criticidade possibilitam o que Freire (2022) denomina de educação libertadora, caracterizada por um movimento “humanista e libertador”.

A educação libertadora atua na medida em que os discentes passam a interpretar as manifestações sociais por meio de perspectivas *outras*. Algo que identificamos nas palavras de Barbara, quando afirma que ser “homossexual não é doença”. Os dizeres de Barbara evidenciam que ela compreende que a homoafetividade não é uma patologia, algo que era defendido pelas instituições médicas, até o fim do século XX, como a Organização Mundial da Saúde (OMS)¹.

1 Há 30 anos, OMS retirava homossexualidade da lista de doenças. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas/>. Acesso em 09 de fev. de 2024.

Considerações finais

A presente pesquisa sobre sexualidades *outras* no ensino de Língua Portuguesa em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) revela a importância de incorporar discussões sobre diversidade sexual e de gênero no ambiente educacional. A análise das práticas pedagógicas e das interações em sala de aula evidencia que, ao abordar temas relacionados a sexualidades dissidentes, os professores podem promover um espaço de reflexão crítica e de respeito à diversidade, contribuindo para a formação cidadã dos alunos.

Além disso, o estudo aponta que a inclusão dessas temáticas nas aulas de Língua Portuguesa enriquece a compreensão da língua como prática social, abrindo possibilidades para que os alunos se expressem de forma mais livre e consciente sobre questões identitárias. Ao desafiar normatividades e possibilitar as experiências que, muitas vezes, são marginalizadas, a educação cumpre seu papel de agente transformador da sociedade.

A análise das respostas dos alunos ao questionário sobre sexualidade, bem como seus diários reflexivos, revela percepções acerca da diversidade sexual e de gênero na sociedade brasileira. As falas apontam para um processo de reflexão e reconhecimento de relações afetivas e sexuais divergentes da matriz cisheteronormativa, embora ainda ancoradas em concepções binárias que distinguem o “normal” do “anormal”.

Embora os alunos demonstrem respeito e tolerância, é importante ressaltar que essa aceitação, em muitos momentos, é baseada em uma lógica de tolerância e de respeito ao outro, sem necessariamente compreender a complexidade das identidades diversas. Isso sugere que, enquanto há avanços na forma como as sexualidades são vistas e discutidas em sala de aula, a construção de uma perspectiva mais crítica e decolonial ainda é um desafio. Nesse sentido, o reconhecimento das múltiplas formas de ser e de existir, para além das normativas cisheterossexuais, é fundamental para promover uma educação transformadora.

Por fim, compreendemos que o trabalho pedagógico realizado contribuiu para ampliar o olhar dos alunos sobre temas que, muitas vezes, são marginalizados no contexto escolar. As falas de Pedrinho e de Barbara indicam que o ensino de Língua Portuguesa pode e deve ir além da gramática, integrando questões sociais e culturais relevantes para a formação crítica dos alunos. A educação tem o potencial de ser libertadora, e é através do debate crítico sobre as diferenças que podemos romper com as imposições sociais que silenciam diversas identidades. Portanto, discutir sexualidades *outras* em sala de aula se trata de um ato político de resistência.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

ASSIS, L. S. **Sexualidades Outras na Educação de Jovens e Adultos**: o estímulo da criticidade como enfrentamento à colonialidade de gênero em aulas de Língua Portuguesa. 2024. 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

ASSIS, L. S.; SILVA, D. C. P. Discursos coloniais sobre gênero e sexualidade em enunciados da extrema-direita brasileira. **Diálogo das Letras**, v. 13, 2024. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/6191>. Acesso em: 25 set. 2025.

BEZERRA, F. **Linguística Aplicada Transviada**: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

BORGES, R. C. S.; MELO, G. C. V. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, p. e54727, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/L58Kz9W>

VDDMkp7pctBSYkyR/?format=html&lang=pt. Acesso em: 25 set. 2025.

BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Trad. Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de leituras**, n. 78, 1988. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 25 set. 2025.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 51 – 81.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2025.

MELO, G. C. V. et al. Raça, gênero e sexualidade interrogando professores (as): perspectivas queer sobre a formação docente. **Poiésis**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 7, n. 12, p. 237-255, 2013. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/1825>. Acesso em: 25 set. 2025.

MIGNOLO, W. D.; VEIGA, I. B. Desobediência Epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78142>. Acesso em: 25 set. 2025.

MOITA LOPES, L. P. et al. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe. São Paulo: Parábola, 2022.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 13 - 44.

SILVA, N. L.; MENICONI, F. C. Questionando o irredutível: a fotodenúncia como mecanismo para a leitura crítica do mundo. **SOLETRAS**, n. 47, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/79656>. Acesso em: 25 set. 2025.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TREVISAN, J. S. T. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIEIRA, V. C. Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade. In: RESENDE, V. M. (Org.).

Decolonizar os estudos críticos do discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019